

*Para os românticos incuráveis.
E também para os mais relutantes.*

CAPÍTULO 1

AIDEN

O amor é uma mentira.

Pelo menos, é o que anuncia o cartaz pendurado por cima da porta. As letras são grandes, arredondadas, rodeadas de pequenos corações desenhados nas margens, e há até uma marca de batom no canto inferior esquerdo. Parece mais o tipo de cartaz que devia estar pendurado, torto, no corredor de uma escola secundária do que a anunciar, em letras garrafais, o declínio da humanidade durante a hora de ponta matinal de um café.

Também há serpentinas. Vermelhas e brancas, penduradas nos vasos suspensos junto à janela. Sempre que alguém entra vindo da rua, ganham vida e agitam-se de um lado para o outro, para logo regressarem ao seu aspeto triste e murcho assim que a porta se fecha outra vez.

Franzo o sobrolho para um balão vermelho com um X desenhado a marcador preto, e passo a mão pela barba por fazer ao longo do maxilar enquanto espero que o Jackson volte para a nossa mesa. Uma mulher com uma mala a tiracolo do tamanho de um pequeno país acerta-me na nuca, e cruzo os braços sobre o peito, esticando as pernas até ocuparem metade do corredor para proteger a minha paz. Se o Jackson não voltar depressa, talvez comece a comer o saleiro. Assim que nos sentámos, exigi um *croissant*, dois *bagels* e um café do tamanho da minha cara. É o mínimo que me deve por me ter arrancado da cama a uma hora destas.

Normalmente, fico demasiado exausto depois de um turno da noite para conseguir arrastar-me para fora da cama antes das dez da manhã. Mas o Jackson insistiu e, quando isso não resultou, passou às ameaças. Fiquei tão chocado com a linguagem dele que nem consegui inventar uma desculpa decente. Ao longo dos quatro anos em que trabalhámos juntos na rádio, nunca ouvi o Jackson levantar a voz, quanto mais ameaçar causar-me danos físicos se eu não aceitasse encontrar-me com ele no pequeno café-livraria a dois quarteirões de casa dele.

Às oito no Skullduggery, dissera ele. *Ou vou buscar-te.*

Fiquei tão surpreendido com a ameaça implícita que nem me dei ao trabalho de lhe perguntar que espécie de café se chama Skullduggery. Um navio pirata, talvez. Um café, não.

O Jackson abre caminho à cotovelada pela pequena multidão que disputa lugar ao balcão e deixa-se cair no assento em frente ao meu, equilibrando um tabuleiro numa mão. Veste uma camisola cinzenta por cima de uma camisa aos quadrados, com as mangas arregaçadas até aos antebraços. Está impecável e composto, sem um único cabelo fora do sítio. Aposto que se levantou às cinco da manhã, despachou o treino às seis, e às sete já estava a fazer uma daquelas bebidas de café meio pretensiosas. Enquanto isso, eu vesti a primeira *sweatshirt* que encontrei caída aos pés da cama. Quase de certeza que tem uma nódoa de molho.

Conseguimos arranjar uma cabina assim que chegámos, embora os cadeirões demasiado fofos do segundo piso pareçam tentadores, rodeados por estantes cheias de livros usados do chão ao teto. O Skullduggery não se limita a celebrar a queda do amor; aparentemente, também tem uma coleção impressionante de livros e os melhores *cruffins* da cidade. Seja lá o que for um *cruffin*.

O Jackson entrega-me um copo de café, o seu rosto tem uma expressão ansiosa.

— Viste o cartaz?

— Era difícil não o ver. — Volto a erguer os olhos para o cartaz por cima da porta e para as decorações que flutuam à volta dele. — E os cupidos sem cabeça são um toque simpático.

Ele pousa o resto das coisas que estão no tabuleiro em cima da mesa.

— Celebram todos os anos o anti-Dia dos Namorados. Achei que ias gostar.

Gostar parece-me uma palavra demasiado generosa para os cupidos demoníacos pendurados no teto. Não consigo parar de olhar para o que está mais perto de nós. De algum modo, sobreviveu ao massacre e tem a cabeça no sítio, e os olhos dele não param de me fitar.

— As pessoas gostam de... seja lá o que isto for?

— Achei que combinava com o teu humor. — O Jackson ergue as duas sobrancelhas e empurra os óculos pelo nariz acima com os nós dos dedos. — Sabes. O teu humor de merda.

Quando o Jackson começou a trabalhar na 101.6 LITE FM, nunca teria usado a palavra *merda* numa conversa casual. Suponho que o facto de passarmos todas as noites juntos nos últimos três anos tenha deixado uma marca profunda.

— Subtil — resmungo. Estendo a mão para um *bagel*, depois mudo de ideias e escolho antes o *croissant*. — Foi por isso que me trouxeste aqui? Queres ter uma conversa sobre a minha atitude?

— Sobre que mais haveria de ser esta conversa?

— Não sei. — Brinco com o *croissant*, picando-o com o dedo. — Pensei que querias tomar o pequeno-almoço. Pôr a conversa em dia. Fazer coisas que os amigos fazem.

— Dá jeito lembrares-te de que somos amigos quando estás a tentar escapar a alguma coisa.

— Não estou a tentar escapar a nada — resmungo, amuado.

— Estás mesmo. E aquilo que eu queria era um *cruffin*, mas esgotaram há uma hora.

Faz-se um silêncio pesado. A clara insinuação de que, se nos tivéssemos encontrado às sete e meia, como ele sugerira, estaria neste momento feliz da vida a saborear o seu bolo preferido. Limpo a garganta e parto o meu *croissant* ao meio.

— As minhas desculpas pela perda do teu *cruffin*.

— Desculpas aceites. — O Jackson apodera-se da metade descartada do meu *croissant*. — Agora vamos falar sobre o motivo por que soas como se te estivessem a sugar a alma do corpo todas as noites, entre as

seis e a meia-noite, quando era suposto estares a distribuir conselhos amorosos. Os meus boletins meteorológicos estão a sofrer por tua causa.

— Os teus boletins meteorológicos estão a ir muito bem — murmuro. Tenho quase a certeza de que as atualizações horárias do Jackson sobre o trânsito e o tempo são a parte mais popular do nosso programa. — E não sei o que queres que te diga. Esgotei os conselhos. — Pouco mais sou do que um atendedor de chamadas glorificado. Uma massa pensante que ouve as pessoas desabafarem. Depois de seis anos à frente do *Heartstrings*, a linha de apoio romântico de Baltimore, descobri que as pessoas não querem que lhes digam como resolver os problemas da vida nem que as responsabilizem pelas suas escolhas. Só querem ouvir-se falar e ver o seu próprio narcisismo validado.

Também querem queixar-se, durante vinte e seis minutos e trinta e dois segundos, de que o marido não põe a loiça na máquina como deve ser. Suspiro.

— Estás preocupado por a minha atitude estar a afetar o programa.

O Jackson franze o sobrolho. Rugas novíssimas desenham-se de cada lado da boca. Envelheci-o dez anos com uma única conversa.

— Já passámos essa fase há muito tempo, amigo. Eu sei que está a afetar o programa. Esta conversa é sobre ti, Aiden. Um dos pilares dessa coisa da amizade a que tanto gostas de aludir, mas que raramente pões em prática. — Faz uma pausa e coça o queixo. — A Maggie também disse que, se toda a gente continuasse a tratar-te com paninhos quentes por causa dos teus sentimentos delicados, ela própria te dava uma tarefa.

A Maggie, a nossa chefe na rádio, nunca foi pessoa de meias palavras.

— A verdade vem ao de cima — suspiro.

— Aiden. — O Jackson inclina-se para a frente, o sobrolho tão carregado que parece puxar-lhe o rosto inteiro para baixo. — Chamaste «monte de merda» a alguém em plena emissão em direto.

— Porque aquele tipo era um monte de merda. — Mergulho o *croissant* no café. Parte do líquido transborda da minha caneca lascada e derrama-se sobre a mesa gasta pelo tempo. Sinto uma ligação emocional mais profunda com aquele café derramado do que com qualquer

uma das pessoas que ligaram para a rádio nos últimos três meses. — Ele comparou as mulheres a *gado*, Jack.

O Jackson faz uma careta.

— Eu sei. Mas já tiveste ouvintes desses antes. — Faço uma expressão pouco convencida e ele ergue as mãos naquele gesto universal de «Foda-se, acalma-te lá». — Não estou a dizer que ele tinha razão. Era obviamente um idiota de primeira, mas tu sempre soubeste lidar com gente assim, não... — O Jackson aproxima-se mais, os olhos a desviarem-se por cima do meu ombro para as pessoas apinhadas à nossa volta. Baixa a voz: — Não lançar-te numa diatribe muito criativa e descritiva sobre o que deviam fazer com as opiniões deles. A Maggie tem estado à espera de receber uma chamada da FCC. A única razão pela qual acha que talvez nos safemos é por ter ocorrido depois das dez da noite. E eu ter interrompido a meio com uma atualização meteorológica de emergência.

Interrompido é uma forma educada de descrever a maneira como ele a falar de sistemas de baixa pressão.

Passo a mão pelo queixo.

— Disseste que vinham tempestades a caminho. Não havia tempestade nenhuma.

— Porque menti — sibila ele, em voz baixa. — Fizeste-me mentir sobre a *meteorologia*, Aiden.

Tento não me rir. Sei o quanto o Jackson leva o trabalho a sério. Queria trabalhar para o Serviço Nacional de Meteorologia, mas teve de abandonar o curso para ficar com a guarda total das irmãs mais novas quando a mãe decidiu juntar-se a uma banda itinerante de harmonica. Ficou pelas miúdas. Disse que elas mereciam ter uma coisa permanente na vida.

O Jackson fixa-me.

— O que se passa contigo?

Continuo a mergulhar o *croissant* no café. Não sei como parar.

— Não sei.

— Tens andado com o pavio curto.

— Sim.

— Irritado.

— Pois.

— Brusco e distante.

— Isso parece-me um exagero, mas está bem.

O Jackson ergue as duas sobrancelhas, como quem diz: «Chamaste “monte de merda” a uma pessoa e depois atiraste a caneca de café contra a parede, como se estivesse numa prova de apuramento olímpico.»

— Passa-se alguma coisa com a tua família? — pergunta, com cuidado. — A tua mãe...

— Está bem — interrompo-o. — Está ótima. O cancro está em remissão completa. Está tudo bem. — *Bem* parecia uma impossibilidade há seis meses. *Bem* parece uma palavra demasiado pequena para o balão de alívio que me flutua sob as costelas sempre que penso no quão perto estive de perder a minha mãe. Outra vez. Como foi devastador vê-la travar mais uma batalha contra a doença. Outra vez.

Enterro os nós dos dedos na têmpora e tento apagar a imagem do seu pequeno corpo numa cama de hospital, com fios ligados aos braços e um sorriso trémulo no rosto.

Está tudo bem, Aiden, meu doce. Eu estou bem.

Abano a cabeça uma vez. O cancro desapareceu. Os médicos estão esperançosos. O cancro *desapareceu*. Limpo a garganta e olho para o Jackson.

— A minha mãe e o meu pai foram fazer uma espécie de viagem de carro para celebrar. Pela costa acima. Planearam-na durante o tratamento e agora estão a levá-la a cabo.

Estão sempre a enviar-me fotografias deles à frente de placas de vários estados. Radiantes numa praia no Delaware, embrulhados em *parkas*. Com bonés de baseball iguais e já velhos, em Nova Iorque. A minha mãe a apertar contra o peito um saco de gomas em forma de minhocas, diante de uma placa meio torta em Nova Jérсия, com um gorro de malha sobre o cabelo que começou agora a crescer outra vez. Têm os rostos vincados por uma alegria sem reservas.

— E sentes-te triste por estares a perder isso? É por esse motivo que tens agido como um idiota?

Abano a cabeça.

— Não. Estou feliz por eles.

— Então, o que é? — pergunta o Jackson. — O que se passa contigo?

Rodo a caneca de café uma volta completa. Estou de rastos. Tão obstinado como o Jackson acha que sou. Não sei como explicar o pavor que sinto sempre que entro no estúdio da rádio. Aquela sensação densa e pesada, que me afunda como uma pedra sempre que carrego no botão vermelho intermitente que me permite falar com os ouvintes. É uma dor. Uma ausência. Não sei. Se os meus pais são o retrato da alegria, eu sou o retrato da angústia existencial. Houve uma altura em que adorava falar com pessoas. Ouvir as suas histórias e partilhar as minhas. Fazia-me sentir parte de alguma coisa.

No entanto, agora, sinto-me apenas... exausto.

— Não sei — murmuro. — Tenho andado... — *Em baixo*, penso, com medo de verbalizar em voz alta. Com medo de a tornar real. Tenho andado em baixo e não faço ideia de como resolver a situação. Se é que tem solução. Acho que... acho que é possível que tenha deixado de acreditar no amor, desgastado por demasiadas chamadas medíocres. Desgastado também pelas circunstâncias de merda que calharam à minha família. Parece que, sempre que me permito ter esperança de que algo bom aconteça, a realidade aparece de punhos cerrados. Já nem sei como ser uma pessoa esperançosa.

É mais fácil não ser.

Arranco um canto do *croissant*.

— Talvez devesse pensar em fazer outra coisa.

Forma-se uma ruga entre as sobrancelhas do Jackson.

— Tu não acreditas nisso.

Encolho os ombros.

— Não sei, meu. Mais ou menos. — Apoio os cotovelos na mesa.

— Ouviste a Maggie nas reuniões de equipa. As audiências não estão famosas. Os pacotes de patrocínio caíram a pique. Recebemos metade das chamadas que recebíamos antes, e cada uma delas é...

— Desafiante? — sugere o Jackson.

— Deprimente — digo eu.

Somos uma linha romântica sem romance nenhum.

Ele recosta-se na cadeira.

— Eu sei, mas... a Maggie tem ideias. Ela sugeriu imensos segmentos novos com potencial. E lançou o programa em formato *podcast* para as pessoas poderem ouvir quando lhes apetecer.

— O *podcast* tem catorze subscritores — digo-lhe. — Um deles é a minha mãe.

Ele solta uma gargalhada pelo nariz.

— Três são as minhas irmãs.

O *Heartstrings* já não atrai uma audiência decente há meses. Estamos presos por um fio.

A porta do café abre-se com estrondo e uma rajada de vento atravessa o espaço entre as mesas. Tão perto do porto, é como estar sentado no meio de um vórtice polar. Ouve-se um coro de protestos vindos das pessoas mais próximas da entrada e a porta volta a fechar-se, os sininhos a tilintarem em protesto. O cupido de olhos demoníacos fita-me com ar acusador, balançando loucamente de um lado para o outro. O arco e a flecha apontam diretamente para o meio da minha testa.

Poético.

— A rádio nunca foi um plano a longo prazo — digo devagar. — Talvez isto seja o universo a dizer-me que está na hora de seguir em frente.

O Jackson estica o braço por cima da mesa e rouba o resto do meu *croissant*. Eu deixo.

— Agora acreditas em sinais do universo? O tipo que se riu na cara da Maggie quando ela sugeriu fazerem uma rubrica sobre horóscopos?

— Bem, os horóscopos são ridículos.

O Jackson revira os olhos.

— Típico Touro.

Ignoro-o.

— Alguma coisa tem de mudar.

Acho que sou eu.

Alguém se acotovela atrás de mim para arranjar lugar ao balcão e enterra-me um cotovelo entre as omoplatas. Afundo-me mais no banco da cabina com um grunhido.

— Já cumpriste a tua quota de interrogatório para a Maggie? Posso ir buscar outro *croissant*?

Os lábios do Jackson achatam-se numa linha.

— Claro. Vou dizer-lhe que não sabes o que se passa contigo, não sabes se vais continuar no programa e nem sabes se ainda gostas realmente de pessoas, apesar de apresentares o programa noturno mais popular de Baltimore.

— Antigamente era o mais popular — resmungo, inclinando a caneca meio vazia de um lado para o outro, na esperança de que se volte a encher por magia. — Acho que agora estamos atrás daquele programa da rádio pública. O dos gatos.

— *Primetime Pussycats*?

— Esse mesmo.

Ele parece confuso.

— É mesmo sobre gatos?

Lanço-lhe um olhar.

— Sobre o que haveria de ser, Jack?

— *Pussycat* é uma palavra estranha — defende-se. — E eles passam aquilo à noite. Para de olhar para mim assim.

Rio baixinho para dentro do último gole de café. O *Primetime Pussycats* passa exclusivamente músicas com letras que incluam a palavra *cat*. O resto do tempo de antena é dedicado a fazerem comparações de areia para gatos e a falar sobre onde encontrar a melhor erva-dos-gatos da zona de Baltimore. É estranhamente relaxante.

Já vi as métricas deles. Têm o triplo da nossa audiência.

Suspiro e deixo-me cair outra vez no banco, escapando por pouco a uma mala que quase me acerta na nuca. O pequeno café não ficou menos cheio desde que chegámos. Pelo contrário, há cada vez mais gente a amontoar-se ao balcão à procura de abrigo do temporal que se aproxima do porto. O espaço do mezanino, no topo das escadas, também está apinhado, com pessoas instaladas no chão, livros abertos ao colo.

— Considera as tuas obrigações cumpridas — murmuro, vendo o céu ganhar um tom de chumbo lá fora. Fevereiro é um mês deprimente em Baltimore, e não me parece que os cupidos sem cabeça pendurados estejam a ajudar alguém. — Já fui devidamente repreendido. E por aí fora.

— Não era esse o objetivo desta conversa.

Eu sei que não era, mas uma onda de embaraço percorre-me na mesma, como se tivesse sido. Não me dera conta de que mais alguém tinha reparado no declínio do meu entusiasmo, embora atirar uma caneca de café pelo estúdio, num acesso de frustração violenta, não seja propriamente subtil.

— Eu sei — respondo. O Jackson é meu amigo, e provavelmente ofereceu-se para ver como eu estava porque se preocupa. *Essa coisa da amizade*, como ele tão certeiraamente lhe chamou. — Vou tentar melhorar. Tens razão. Talvez o *podcast* faça alguma coisa por nós. Vou pensar no assunto. Ver se consigo arranjar conceitos novos.

— Talvez também devesse experimentar meditação — sugere. — Tenho uma aplicação que podes usar.

Ele abre a boca para acrescentar qualquer coisa, mas sou poupado aos pormenores da sua rotina de meditação pelo som súbito e estridente de uma buzina de nevoeiro. Metade das pessoas no café encolhe-se; a outra metade aplaude. A nossa mesa divide-se rigorosamente ao meio.

— Mas que raio é isto? — grito por cima do estrondo, com as mãos coladas aos ouvidos.

— Se tiverem de chamar o nome de alguém mais de duas vezes para levantar o pedido, sacam da buzina — explica o Jackson, continuando a mexer o chá como se nada de extraordinário estivesse a acontecer. Como se aquela coisa insuportável da buzina fosse uma ocorrência diária. Talvez seja. — Agora que está tudo em silêncio, de certeza que a barista vai voltar a gritar o nome.

Uma cabeça loira aparece do outro lado do balcão. Traz no rosto uma expressão de exasperação e, na mão direita, um café gelado extra-grande. Ergue-o acima da cabeça, falhando por pouco um homem calvo com o nariz enfiado num livro.

— Brooks Robinson! — berra, com uma voz quase tão sonora como a buzina de nevoeiro. — Tenho um *café au lait* para Brooks Robinson!

A multidão abre caminho, desloca-se, move-se. As pessoas escondidas entre as estantes da mezanino espreitam lá de cima. Há um murmúrio de interesse. Brooks Robinson é um nome importante em Baltimore.

— Achas mesmo que é ele? — pergunta o Jackson. Vira-se no banco para ver melhor.

À PRIMEIRA CHAMADA

— Duvido que o melhor terceira-base de todos os tempos esteja a beber um *café au lait* numa terça-feira de manhã, numa livraria que celebra o anti-Dia dos Namorados.

O Jackson encolhe os ombros.

— Nunca se sabe.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Se for ele, vamos perguntar-lhe se quer participar no programa noturno anteriormente mais popular de Baltimore.

O Jackson vira-se para mim com um sorriso.

— É esse o espírito. Com um pouco de pensamento positivo, conseguimos dar a volta a este barco.

Não respondo. No que me diz respeito, este barco já está no fundo do oceano.



AIDEN VALENTINE: Alguma vez pensaste sobre qual é o sentido disto tudo?

OUVINTE: ...O quê?

AIDEN VALENTINE: Qual é o sentido disto tudo? O que é que andamos aqui a fazer? Andamos à deriva? À espera de que tudo se resolva?

[pausa]

OUVINTE: Eu só perguntei se devia comprar flores à minha namorada mais vezes.

AIDEN VALENTINE: As flores morrem. Tudo morre.

OUVINTE: Pensei que isto era uma linha de apoio romântico.

CAPÍTULO 2

LUCIE

Há alguma coisa no corredor.

Continuo a ouvir um arranhar, ou um sussurro, ou... qualquer coisa parecida com roupa a dar voltas na máquina de secar com o punhado de moedas que a Maya, inexplicavelmente, deixa sempre nos bolsos. Um arranhar suave, seguido de um baque surdo.

Não faço a mínima ideia do que raio seja.

Deixo o livro cair-me sobre o peito e sento-me na cama. Sempre que penso que imaginei o som, volto a ouvi-lo. No entanto, o quarto da Maya está às escuras, e a única outra coisa que existe naquele lado do corredor é o armário da roupa de casa que nunca consegui abrir mais de cinco centímetros. Guardamos lá toalhas de mão, caixas de lenços que nunca conseguimos recuperar, outros pequenos objetos que conseguimos enfiar pela abertura minúscula.

Meu Deus. Será que o nosso armário da roupa de casa está assombrado? Haverá um espírito maléfico furioso com a minha incapacidade de dobrar um lençol-capa? Se esta casa estiver assombrada, pego fogo a isto tudo. Eu e a Maya mudamo-nos para o café do outro lado da rua. A nossa roupa vai cheirar a *bagels* e a café demasiado forte, mas pelo menos ficaremos livres de espíritos.

Saio da cama e agarro na caneca de chá vazia, brandindo-a como uma arma. Não faço ideia do que farei com ela se me deparar com

o contorno vago de uma senhora vitoriana a flutuar pelo corredor, mas faz-me sentir no controlo da situação. Um bocadinho.

Inclino-me para fora da porta do quarto, espreitando pelas escadas abaixo, na direção da porta da frente para me certificar de que continua trancada. A luz dourada do candeeiro da rua entra pelos vitrais de ambos os lados da porta, iluminando o nosso pequeno *hall* numa espécie de caleidoscópio de cores suaves.

Está tudo exatamente onde devia estar. Os nossos sapatos estão alinhados debaixo da fila de cabides na parede. A minha mala de trabalho está ao lado da mochila da Maya.

Nada de maléfico e fantasmagórico lá em baixo.

Volto a ouvir o som, mais perto do que o nosso armário da roupa de casa possivelmente assombrado. Viro a cabeça bruscamente para o quarto da Maya. Há qualquer coisa enfiada na fresta entre o chão e a porta. Azul-escuro, da cor do edredão que a Maya tem na cama. Outro som atravessa a madeira. Desta vez, uma gargalhada. Mais especificamente, soa à gargalhada da minha filha de doze anos. A minha filha de doze anos, que devia estar a dormir na sua cama debaixo do seu edredão e não a conversar nem a rir-se com alguém.

Aproximo-me do quarto dela em bicos de pés e encosto o ouvido à porta. Pintámo-la de cor-de-rosa-claro com estrelas brilhantes quando ela tinha oito anos, mas decidi que a odiava quando fez onze. Tentei arrancar as estrelas, mas as mais teimosas continuam agarradas à parte de cima, onde nenhuma de nós chega, com as pontas desbotadas a enrolarem-se.

— Não sei — ouço a Maya dizer através da porta, em voz baixa.
— Não tenho a certeza de que a minha mãe ficasse contente com isso.
Segue-se uma longa pausa.

— Sim, quer dizer... Tens razão. Ela agora não está cá. E já chegámos até aqui.

Quem é o «nós»? Chegaram até aqui a fazer o *quê*? O estômago cai-me aos pés e o pânico fecha-me a garganta. De repente, vejo-me confrontada com todas as histórias de terror pré-adolescente que alguma vez li na Internet. Estendo a mão para a porta, reduzida a uma série de reações químicas provocadas pelo medo. Um *Mento* atirado para dentro de uma garrafa de refrigerante, qualquer coisa assustadora

a efervescer. Escancaro a porta, a flutuar algures acima do meu corpo numa nuvem de ansiedade. A minha caneca acaba, de alguma forma, do outro lado do quarto, na poltrona macia e fofa onde a Maya gosta de ler. Tenho quase a certeza de que o meu coração foi com ela.

A Maya grita a plenos pulmões com o meu aparecimento súbito, a manta sob o qual está encolhida a enroscar-se em volta do corpo esguio. Tenta esconder o telemóvel debaixo dele, mas arranco-lhe a manta e atiro-a na mesma direção da caneca. Oficialmente, sou mais assustadora do que o fantasma no armário da roupa de casa.

— Com quem é que estás a falar? — grito, com a ansiedade a arranhar-me a garganta e o medo a roer-me por dentro. Estou a pôr em prática exatamente zero por cento daqueles livros de parentalidade positiva que requisitava compulsivamente na biblioteca quando ela fez seis anos, mas neste momento não quero saber.

A minha filha está a falar às escondidas ao telemóvel a meio da noite e está a tentar *escondê-lo*. É assim que começam todos os episódios do *Dateline*.

A Maya não esconde nada. Todos os pensamentos que entram naquela cabecinha bonita, ela conta-mos. Mesmo quando eu preferia desesperadamente que não o fizesse. A única vez que me mentiu foi no terceiro ano, quando o dinheiro do almoço dela começou a desaparecer misteriosamente. Pelos vistos, andava a comprar *pretzels* para a turma inteira. Todos os dias. Chamava-lhe festa do *pretzel*. Disse-lhe que tinha de parar e ela chorou baixinho ao jantar durante quase duas semanas.

É uma boa miúda. Uma miúda de coração mole. Faz os trabalhos de casa. Ajuda nas tarefas em casa. Suporta os meus horários por vezes estranhos, e não tem conversas em surdina e secretas com desconhecidos a meio da noite.

Estendo a mão para o telemóvel da Maya, mas ela volta a desviá-lo para longe do meu alcance, apertando-o contra o peito. Os olhos verde-musgo — exatamente iguais aos meus — arregalam-se de medo.

— Não — sussurra. — Não podes.

Ouçó os tons graves de uma voz do outro lado da linha, a subir no fim, como se tivesse acabado de fazer uma pergunta. É alguém com uma voz grave. Uma voz de homem.

Uma voz de homem a falar com a minha filha menor de idade ao telemóvel a meio da noite.

— Maya. — Tento inspirar pelo nariz e expirar pela boca. — Dá-me o telemóvel.

Os dedos dela apertam-se em volta da capa.

— Não é o que estás a pensar — sussurra.

— Não fazes ideia do que estou a pensar neste momento.

— Faço, sim. Estás com a tua cara de *Dateline*. Provavelmente estás a pensar que devias ter controlado melhor o meu uso da Internet, mas estou a dizer-te que não é o que pensas.

Sem desviar os olhos de mim, leva lentamente o telemóvel ao ouvido. Sinto-me no clímax de um daqueles filmes absurdamente violentos que o meu pai via sempre quando eu era miúda. O vilão tem um cãozinho fofo pendurado na beira de um arranha-céus. Não sei se sou o vilão ou o cão.

— Só um segundo — pede a Maya para a voz masculina do outro lado da linha.

O meu olho começa a tremer. Sou o vilão. Sou *definitivamente* o vilão e esta é a história que explica a minha origem.

— Não tens segundo nenhum. Dá-me o telemóvel — peço, tão calma quanto consigo, o que não é calma suficiente, a avaliar pelo sobressalto que a Maya lança na minha direção. Ela acena que sim, depois abana a cabeça, depois volta a acenar.

— Está bem — murmura para si própria, ainda a acenar. — Isto está a avançar um bocadinho mais depressa do que eu queria, mas consigo trabalhar com isso.

— Trabalhar com o quê? — ladro.

— Esta chamada — explica a Maya, levantando o telemóvel e abanando-o. A duração da chamada ronda os dez minutos e o meu coração dá uma cambalhota para dentro de outra espiral de pânico. Ela esteve a falar com alguém durante *dez minutos* enquanto eu estava deitada na cama a ponderar a plausibilidade de existirem fantasmas da roupa. — É para ti.

— O quê?

— Esta chamada. É para ti — repete ela, com calma.

Eu só falo exatamente com quatro pessoas, e uma delas está neste quarto.

— Ótimo. Então dá-me o telemóvel.

— Eu só... — Ela comprime os lábios. — Dá-lhe uma oportunidade, está bem? Mantém a mente aberta.

A minha mente vai ficar bastante aberta quando a minha cabeça explodir no meio deste quarto.

— Dá-me o telemóvel.

— Está bem. — Ela arrasta-se até à beira da cama e entrega-mo. Como uma especialista em desarmamento de bombas. — Fixe. Obrigada, mãe. És a maior.

— Não me dês graxa — digo por entre dentes cerrados.

Ela ergue um polegar trémulo.

Levo o telemóvel ao ouvido. Estou a respirar como um dragão. Ou uma assassina em série. Um dragão assassino em série. Continuo a inspirar fundo, ofegante, para tentar controlar o batimento cardíaco, mas não me parece que esteja a funcionar.

— Quem... — Humedeço os lábios secos e tento expulsar a rouquidão da voz. Quero soar poderosa. Quero soar aterradora. — Quem raio é?

Há uma pausa do outro lado da linha. Ouço um som abafado. Uma tosse, talvez. Ou uma gargalhada.

Todo o meu medo se amarrota numa bolinha minúscula até eu me transformar na própria personificação da raiva.

— Eu disse alguma coisa engraçada?

— Tenho a certeza de que vais perceber a minha diversão daqui a um segundo — informa o desconhecido do outro lado da linha. Não parece suficientemente surpreendido por a miúda com quem estava a falar se ter transformado de repente numa mulher a cuspir fogo. — Olá. Chamo-me Aiden.

— Está bem, Aiden. — Olho para a minha filha, sentada com as pernas dobradas debaixo de si na beirinha da cama, uma manta estampada de sereias enrolada à volta dos ombros. Pestanejo e ela tem quatro anos, o cabelo preso em totós desiguais e os pés descalços a balançarem acima do chão. Pestanejo outra vez e é uma pré-adolescente, a fitar-me

com olhos atentos. — Porque é que estás a falar com a minha filha às dez e quarenta e dois da noite?

Outra pausa.

— Acreditarias se te dissesse que foi ela que me ligou?

— Quero lá saber se foi ela que te ligou. — Parte do meu controlo escapa-se-me. — Quero lá saber se ela é secretamente o Jack Reacher e isto é uma situação com reféns. Ela tem doze anos.

A Maya tapa os olhos com as mãos e deixa-se cair para trás na cama com um suspiro exasperado.

— Não gosto do que estás a insinuar — diz ele.

— Pois, eu não gosto do que estás a fazer.

— Espera lá um segundo. Se me deixasses explicar...

— Tens por hábito fazer chamadas noturnas com miúdas menores de idade?

— Não tenho por hábito ter *nada* com miúdas menores de idade — balbucia ele.

Fico profundamente satisfeita com a voz embargada dele. O Aiden já não está divertido. *Ótimo*.

— Eu não... — Ele bufa, resmunga e faz uma série de outros sons frustrados. — Acho que devíamos recomeçar.

— Não, obrigada. Já alimentei esta conversa por tempo suficiente. Vou desligar agora.

— Espera um segundo.

— Para quê?

— Para te dar uma explicação.

— Tenho a certeza de que vais dar uma excelente explicação, mas não estou interessada.

Ele solta outro som grave do outro lado da linha.

— Então pergunta à Maya.

— O quê?

— Visto que é pouco provável que acredites no que eu disser, pergunta à Maya porque está ela ao telefone comigo às dez e quarenta e dois da noite.

A voz dele é grave. Rouca. Como as tempestades que chegam de repente pelo porto e ali ficam, com o trovão a ribombar, um estrondo

a seguir ao outro até o céu vibrar nos ossos. Ou talvez seja a minha raiva. Não sei. Semicerro os olhos e afasto o telemóvel da boca, tapando o microfone com a palma da mão.

— Entraste para uma seita? — pergunto à Maya.

Ele parece alguém saído de uma seita. Ou, no mínimo, daqueles tipos que tentam convencer toda a gente a entrar em esquemas em pirâmide.

Ela abana a cabeça em silêncio.

— Isto é um pedido de ajuda?

Um sorriso treme-lhe nos lábios e ela tem o bom senso de o esmagar antes que nasça.

— Não para mim — murmura.

— O que é que isso quer dizer?

— Ela quer dizer que é para ti — interrompe o Aiden. Aquela voz talvez resulte com qualquer alma inocente e desprevenida que ele esteja a tentar atrair para o seu império de óleos essenciais, mas comigo não vai funcionar. — É um pedido de ajuda, sim, mas é para ti. Foi por isso que ela ligou.

— Ajuda com o quê? — disparo, irritada por ele aparentemente ter ouvido aquilo.

Estou a dois segundos de desligar este telefone e enfiá-lo no triturador de lixo da cozinha. A minha paciência esgotou-se. Evaporou-se. Transformou-se em pó. Foi enfiada no armário minúsculo da roupa de casa, juntamente com as toalhas de mão e os carrinhos *Matchbox* que a Maya atirou lá para dentro quando tinha seis anos, para nunca mais serem vistos.

— Apresento um programa de rádio — informa o Aiden, com calma. — A Maya ligou para pedir conselhos amorosos.

A minha mão aperta-se em volta do telemóvel.

— Conselhos amorosos? Ela tem doze anos.

— Ela não ligou por causa dela. Ligou por tua causa. — Ele solta um pequeno sopro divertido. — O meu nome é Aiden Valentine, e estás em direto no *Heartstrings*, a linha de apoio romântico de Baltimore.



AIDEN VALENTINE: Bem-vinda ao *Heartstrings*. Estás em direto.

OUVINTE: A sério? Tipo, agora?

AIDEN VALENTINE: Sim. Neste preciso momento.

OUVINTE: Que fixe.

AIDEN VALENTINE: Pareces-me... nova.

OUVINTE: Não sou assim tão nova.

AIDEN VALENTINE: Mais nova do que o nosso ouvinte habitual.

OUVINTE: Tenho quase a certeza de que o vosso ouvinte habitual é uma senhora chamada Charlene, que acha que vocês são um restaurante chinês.

AIDEN VALENTINE: É justo. Como te chamas?

OUVINTE: Maya. Mas não estou a ligar por minha causa. Estou a ligar por causa da minha mãe.